

Estudo sobre um artefacto pre-romano de ouro descoberto no Algarve, por A. dos Santos Rocha. Este trabalho versa sobre uma interessante peça de ouro proveniente do Algarve, e que apresenta todos os elementos decorativos encontrados na Citania de Briteiros, e semelhança perfeita com os discos de ouro encontrados em Mycena por Schliemann, e que serviam de adorno dos punhos das espadas.

Dezembro de 1901.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Duas estátuas romanas

(Dadiva ao Museu Ethnologico Português)

Entre muitos e valiosos objectos que ha pouco tem entrado no Museu Ethnologico, avultam duas estatuas romanas que o Sr. Visconde da Amoreira da Torre se dignou offerecer-lhe. Estas estátuas foram encontradas em Mertola no sec. XVI, e, em virtude das vicissitudes a que os monumentos archeologicos, como todas as cousas, estão sujeitos, achavam-se ultimamente numa propriedade que aquelle illustre titular possui ao pé de Montemór-o-Novo.

Os leitores farão idéa do merito d'ellas, e portanto do valor da offerta do Sr. Visconde, lendo um artigo que o Sr. G. Pereira inseriu em 1890 na *Revista Archeologica*, IV, 169 sqq., artigo acompanhado de dois desenhos. Em occasião opportuna serão photographadas e descriptas n-*O Archeologo*.

Em reconhecimento do acto de generosidade e patriotismo que o Sr. Visconde da Amoreira da Torre praticou, privando-se da posse particular d'estes objectos para os offerecer ao Museu Ethnologico, onde ficarão sendo patrimonio commum de todos os estudiosos, e constituindo importantes documentos da epoca lusitano-romana, publicou-se no *Diario do Governo*, n.º 52, de 6 de março de 1902, a seguinte Portaria de louvor, assignada pelo Sr. Ministro das Obras Publicas, a quem os serviços archeologicos estão merecendo, para honra do nosso país, a mais intelligente e desvelada protecção:

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria—Direcção Geral das Obras Publicas e Minas—Repartição de Obras Publicas.— Sua Majestade El-Rei, tendo conhecimento da doação que fez o Visconde da Amoreira da Torre ao Museu Ethnologico Português, de duas estatuas romanas de marmore, de sua propriedade, de subido e incontestavel valor archeologico, existentes, pelo menos, ha dois seculos na sua quinta titular: ha por bem ordenar que, em seu real nome, seja

louvado o Visconde da Amoreira da Torre pelo seu elevado proceder, privando-se de dois raros exemplares da arte romana do nosso país para enriquecer aquelle Museu.

Paço, em 25 de fevereiro de 1902.—*Manuel Francisco de Vargas.*

J. L. DE V.

O Cerro de Penhas Juntas

Bem lhe condiz o nome, e da sua configuração se originou, pois é um alto, «cerro», cercado todo de fragas, «penhas», muito proximas, «juntas», umas das outras. Digno é de se fallar d'elle por cousas lá se verem, que sabidas devem ser, e não ignoradas, dos que gostam de observar os vestigios das gerações passadas. D'estes a attenção alli fica presa, e alonga-se o entendimento em conjecturas, procurando explicar quaes os povos e os tempos em que estes trabalhos se fizeram.

Grandes foram, na verdade, para perfurarem em tantos pontos aquelles rochedos, abrindo enormes e profundas galerias em procura de metal, que, por pedaços encontrados e algumas escorias, presumimos ser estanho. Muitas riquezas mineraes houve neste sítio, pois em todo elle, de comprimento de cêrca 3 kilometros, se encontram aberturas e outras obras que foram de minas. Em partes, notam-se pedaços de mós manuarias de pedra local, e signaes evidentes de casas sem cimento, de fossos, e muralhas de pedra solta; e, caso curioso e raro, até espaços cobertos de pedras de 3 a 4 palmos, postas de pé, com a ponta aguçada para cima, dispostas para impedirem a passagem, á maneira das nossas defensas accessorias das estaquinhas ou estrepes. Eu o experimentei, e custoso me foi sair do recinto, em que, menos cauteloso, entrei.

Em cinco sitios do terreno que percorri, menos de metade, depa-raram-se-me estas estações, sendo uma o «murio», como lá dizem, fóra do Cerro, junto e sobranceiro ao pequeno ribeiro, que, vindo do lado da povoação, o tornea pelo nascente. É a mais ampla e deteriorada, por se terem aproveitado das pedras para construcções de muros de propriedades, casas e de um moinho que está logo alli. Partindo d'este ribeiro, cheguei só ao marco trigonometrico, e, nesta altitude de 846 metros, admirado fiquei do vastissimo horizonte que observava: ainda que sejam vulgares taes panoramas nestes logares, comtudo este accentuada impressão me causou.

As tradições são vagas e vulgares, attribuindo-se isto aos mouros, como já se disse n-*O Arch. Port.*, VI, 109, os quaes ahi deixaram